

AÇÕES EXTENSIONISTAS EM TEMPOS DE ADVERSIDADE: A EXPERIÊNCIA DO COLETIVO IDENTIDADE VISUAL

EXTENSIONAL ACTIONS IN ADVERSITY TIMES: THE EXPERIENCE OF THE VISUAL
IDENTITY COLLECTIVE

ACCIONES EXTENSIONISTAS EN TIEMPOS DE ADVERSIDAD: LA EXPERIENCIA DEL
COLECTIVO VISUAL IDENTITY

ELOIZA PIRES¹; CAIO COUTO².

RESUMO

Na tentativa de discutir a importância das ações extensionistas universitárias, e as suas relações com os campos da Arte e da Cultura, especialmente no contexto de pandemia global ocasionado pela COVID-19, nos últimos dois anos – 2020 e 2021 –, este artigo apresenta uma reflexão sobre a experiência do Coletivo Identidade Visual, grupo vinculado ao projeto de extensão Arte, Educação e Cultura Visual: interconexões, práticas e reflexões – FFP/UERJ.

Palavras-chave: Extensão universitária; arte e cultura visual; pandemia.

ABSTRACT

In an attempt to discuss the importance of university extension actions and their relationships with the fields of Art and Culture, especially in the context of the global pandemic caused by COVID-19 in the last two years - 2020 and 2021 -, this article presents a reflection on the experience of Coletivo Identidade Visual, a group linked to the extension project Art, Education and Visual Culture: interconnections, practices and reflections – FFP/UERJ.

Keywords: University extension; art and visual culture; pandemic.

RESUMEN

En un intento de discutir la importancia de las acciones de extensión universitaria y sus relaciones con los campos del Arte y la cultura, especialmente en el contexto de la pandemia mundial provocada por el COVID-19 en los últimos dos años - 2020 y 2021 -, este artículo presenta una reflexión sobre la experiencia del Colectivo Identidade Visual, grupo vinculado al proyecto de extensión Arte, Educación y Cultura Visual: interconexiones, prácticas y reflexiones – FFP/UERJ.

Palabras clave: Extensión universitaria; arte y cultura visual; pandemia.

¹ Doutora em Educação pela Universidade de Brasília - UNB, professora Adjunta do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - FFP/UERJ.

² Estudante graduando do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - ART/UERJ.

1 INTRODUÇÃO

Na nossa contemporaneidade, as relações entre ensino, pesquisa e extensão – dentro e fora do espaço acadêmico – nos desafiam a todo instante a reconhecer os valores de um mundo instável, que se revela nas modalidades real e virtual, nas imagens e visualidades que se deslocam no tempo e no espaço mobilizando experiências e desejos. Somos confrontados com rupturas simbólicas que demandam subversões epistemológicas e constante reinvenção das nossas práticas e modos de ver, sentir e pensar como estudantes, docentes e pesquisadores.

Na tentativa de discutir essas relações, especialmente no contexto de pandemia global ocasionado pela Covid-19 nos últimos dois anos – 2020 e 2021 –, este artigo apresenta uma reflexão sobre a experiência do Coletivo Identidade Visual, grupo vinculado ao projeto de extensão Arte, Educação e Cultura Visual: interconexões, práticas e reflexões – FFP/UERJ¹.

Em tempos de pandemia, o Coletivo Identidade Visual precisou readequar sua agenda em virtude das medidas sanitárias que precisaram ser seguidas a partir de 2020. Inicialmente, para este ano, estavam previstos um seminário com a presença de vários agentes culturais da cidade de São Gonçalo-RJ, e uma mostra expositiva física com trabalhos de artistas e estudantes de Arte. Porém, com o prolongamento do confinamento social, o Coletivo precisou repensar suas estratégias e criou, como alternativa, a exposição *Quarentena Online* - mostra virtual que passou a ocorrer de forma contínua nas redes sociais.

A proposta da mostra, era a de preservar e fortalecer vínculos de afeto e redes de conhecimento, possibilitando um espaço para a divulgação de trabalhos de Arte, que não estivessem restritos aos padrões institucionais e burocráticos dos museus, das galerias e da própria universidade. Todos os trabalhos enviados foram aceitos, independente da técnica utilizada, da temática ou do grau de experiência dos artistas. Isso expandiu as fronteiras das ações extensionistas do Coletivo, lembrando que o projeto ao qual este grupo está vinculado possui como propósito promover exposições, encontros e ocupações nos espaços culturais e educativos urbanos, dando prioridade à arte urbana e à cultura popular da cidade de São Gonçalo – RJ². Em decorrência da pandemia, a ocupação dos espaços urbanos passou a ocorrer nos espaços virtuais. Se por um lado as ações do Coletivo foram limitadas pelas medidas de confinamento, por outro, os limites físicos foram dissolvidos e houve um alcance mais amplo das ações e atuações do grupo. As fronteiras do município de São Gonçalo se expandiram para outros sítios, municípios e estados.

Após alguns meses recebendo e publicando desenhos, pinturas, esculturas, intervenções urbanas, fotografias e vídeos, o Coletivo convocou os seus integrantes e os participantes da

¹ O projeto foi iniciado em 2017, vinculado à Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP-UERJ. Em sua proposta, tem como referência teórica a abordagem crítica da Cultura Visual, e propõe a criação de um coletivo de arte e cultura com vistas a possibilitar a experimentação de linguagens – especialmente da cultura urbana e da arte contemporânea, na construção de práticas renovadas e propostas metodológicas para a arte e o seu ensino nas articulações entre o espaço acadêmico, a rede pública de ensino e os agentes culturais e artísticos da cidade. O projeto tem como objetivo promover ações e enfatizar enfoques epistêmicos que reconheçam as visualidades e as imagens da arte e do cotidiano urbano como produtoras e mediadoras de cultura.

² Município no qual está situada a Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Unidade, a qual está vinculado o projeto.

exposição online para encontros remotos, em que eram discutidas outras propostas para a elaboração de obras colaborativas e experimentais no contexto pandêmico e digital.

A partir da análise temática dos trabalhos que integraram a mostra *online*, percebeu-se que, apesar de serem bastante diferentes sob vários aspectos, as obras convergiam em um ponto: a intensidade de um discurso político sobre o corpo em decorrência do impacto das circunstâncias geradas pela pandemia. Essa convergência culminou no projeto *Corpo Político*, resultando no *Webnário Corpo Político*; na elaboração de colagens digitais e de uma vídeo-performance apresentada no IV Encontro Regional da Federação de Arte Educadores do Brasil – EnreFAEB. Essas ações mostraram outro horizonte para a prática artística participativa como articuladora das relações entre Arte, Educação, política e cidadania em um contexto de adversidade.

2 QUARENTENA ONLINE

A mostra *Quarentena Online*, realizada durante todo o ano de 2020, foi uma exposição virtual de Arte que recebeu em torno de 100 trabalhos enviados online e divulgados nas redes sociais do Coletivo Identidade Visual, nas plataformas do *Facebook*, do *Instagram* e do *YouTube*. Participaram jovens artistas e estudantes de Arte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, da Universidade Federal Fluminense, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Secretaria Municipal de Educação de São Gonçalo e da Universidade Federal de Sergipe, num total de 21 participantes. Além dos integrantes oriundos do Estado do Rio de Janeiro, participaram artistas dos estados de Sergipe, de São Paulo e ainda de Lisboa – Portugal.

Vários artistas expositores da mostra apresentaram em seus trabalhos os signos característicos do cenário pandêmico, como a máscara e outras indumentárias representativas desse momento. Grande parte das técnicas utilizadas nos trabalhos, nos levou a redimensionar a importância dos aparatos digitais nesse contexto: a utilização de pintura digital, colagem digital ou de outros recursos tecnológicos na produção artística. Esses meios passaram a fazer parte de um processo intenso de criação dos artistas e também do cotidiano das pessoas comuns que se encontravam, em tempos de confinamento, em um outro ecossistema comunicativo.

Imagem 1: Obra de Gabi Torres.



Fonte: Acervo virtual no *Instagram* (@idvisualuerj).

Segundo a professora Lúcia Gouveia Pimentel:

Tecnologias para a elaboração de obras artísticas não são novidade. Em cada tempo, o artista lançou mão de tecnologias que estavam ao seu alcance, ou criou novas tecnologias para que pudesse realizar suas obras. Gravura, cinema e fotografia, por exemplo, usam tecnologias mediadas por equipamentos para realizar suas produções e, por isso, essas modalidades artísticas demoraram algum tempo para serem reconhecidas como tal. O mesmo acontece atualmente com a arte digital, sob a alegação de que os instrumentos usados são equipamentos que interferem na obra, como o smartphone ou o computador. No entanto, instrumentos sempre foram usados para a produção artística, de acordo com a tecnologia disponível em cada período. Não era possível fazer arte digital na Idade Média, assim como não temos disponíveis hoje, com a mesma composição, materiais utilizados no século XIX (PIMENTEL, 2019, p.866).

A Arte pode ser então pensada, no contexto das novas condições produtivas, como um componente decisivo, sobretudo nas mutações da experiência urbana. Benjamin (1996), em seu ensaio sobre a reprodutibilidade técnica das imagens, aponta para a importância dessa experiência enquanto construção social das práticas do ver. Nessa perspectiva, para Mitchell, o que importa é a “ideia da visão como uma prática social, como algo construído socialmente ou localizado culturalmente, ao mesmo tempo em que libera as práticas do ver de todo ato mimético, as eleva graças à interpretação” (MITCHELL *apud* GUASCH, 2003, p.11). Do ponto de vista educacional, a experiência do Coletivo Identidade Visual privilegiou a dimensão visual para além dos objetos visíveis nos eventos realizado *online*, buscando a compreensão dos seus processos, principalmente dos seus contextos.

Por um lado, o contexto de confinamento social estimula a utilização das tecnologias, por outro, abre espaço para diversas questões que, se não são consequência desse momento, persistem e/ou são agravadas pela pandemia. Assim, algumas obras, independentemente de terem sido realizadas antes de 2020, no processo curatorial ganham leituras atravessadas pelas circunstâncias da crise sanitária.

Na série Quiromancia de Mylena Godinho, é utilizado o scanner caseiro para produzir

escritas grafadas não com tinta, mas costuradas diretamente na pele da artista como múltiplas tentativas de codificar o que estava acontecendo no planeta a partir de um universo particular. Essas escritas nos remetem a um corpo que significa, que diz o seu eu e que precisa reexistir em um espaço frio de armazenamento de dados, constituindo-se como um território que muitas vezes se impõe como única possibilidade viável para a conexão com seres físicos e afetivos. O espaço remoto foi ocupado pelas experimentações da Arte, pelo corpo físico em existência virtual.

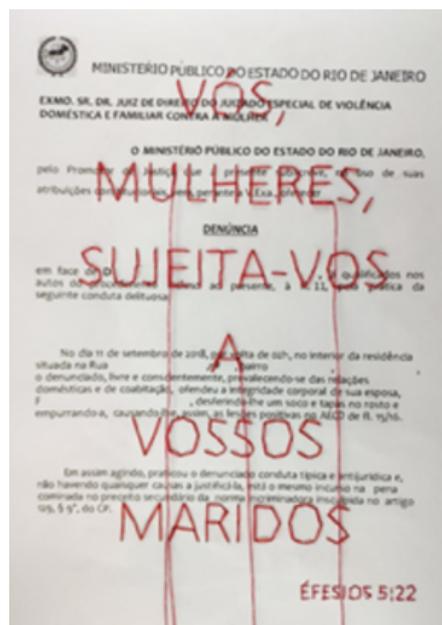
Imagem 2: Obra de Mylena Godinho. Série: *Quiromancia*.



Fonte: Acervo virtual no *Instagram* (@idvisualuerj).

A dimensão existencial das experiências criativas no campo artístico esteve, intrinsecamente, relacionada ao espaço íntimo do lar, lugar de refúgio, mas onde a violência contra as mulheres teve índices preocupantes durante o confinamento social, consequência de uma sociedade radicalmente machista e doente nas suas relações. Manifestando-se sobre essa questão, a artista Maria Fernandes apresentou uma obra denúncia com a série *Rogai Por Nós*, na qual discute a naturalização do domínio masculino sobre a mulher trazendo documentos que relatam casos de violência doméstica, relacionados a frases bíblicas que objetificam e expõem o feminino como posse do masculino, seja por afetos danosos e doentios, ou, somente, pela precariedade social e econômica.

Imagem 3: Obra de Maria Fernandes. *Por nós*.



Fonte: Acervo virtual no *Instagram* (@idvisualuerj).

A experiência de estar em casa na pandemia, não foi igual para todos. Porém, esse espaço permaneceu nos discursos da mídia como uma das formas mais seguras e responsáveis de se proteger contra a propagação do Coronavírus. A representação de um lugar de convivência e de habitação, marcaram as obras da mostra. A artista chilena residente no Brasil, Claudia TS, durante o período de reclusão, utilizou o seu próprio corpo para investigar a territorialidade do espaço doméstico, através de performances registradas em fotografias e vídeos. Aos objetos cotidianos, foram incorporadas ações e experiências da artista. Embalagens de remédios usados, cascas de ovos, folhas, cobertas, cortinas e a paisagem na janela revelam um micro-universo que existe independente do caos mundial. De certa forma, as obras abstratas da artista portuguesa Marcela Santos, também estabelecem uma relação com o espaço íntimo do lar. Em tempos de obstrução dos trânsitos sociais e dos circuitos artísticos, de forma física, a casa potencializa-se como laboratório, ou ateliê, espaço de criação e de reflexão.

A "casa abrigo", como metáfora de acolhimento, traduz um aspecto relevante sobre a experiência do Coletivo Identidade Visual, pois um princípio importante das suas ações sempre foi o de incluir diferentes experiências, incentivar produções, divulgar conhecimentos de forma democrática, com a intenção de estar receptivo, aberto à escuta e a serviço da comunidade, a disposição do diálogo. Assim, participar das ações do Coletivo era integrar um espaço de acolhimento, uma casa abrigo *online*.

A organização das ações do Coletivo - em 2020 -, ocorreu com o apoio de uma família de universitários, com a então bolsista Fabiana Lima, mãe de outros dois organizadores voluntários, estando os organizadores habitando o mesmo espaço, e a coordenadora e demais artistas em relação remota. O caráter acolhedor e incentivador do projeto, privilegiou o constante diálogo entre seus integrantes, tendo em vista despertar a percepção dos participantes para suas próprias potencialidades artísticas e culturais.

O Coletivo possui como proposta atuar no cotidiano da cidade de São Gonçalo (SG), município do Rio de Janeiro, uma cidade dormitório, na qual a maior parte dos habitantes saem de casa pela manhã para trabalhar, voltando no final do dia. Há pouca oferta de equipamentos culturais e artísticos, mas a cidade possui muitos grafites e inúmeras pichações ao longo das suas ruas. Diversas manifestações artísticas e culturais estão presentes em SG, desde o funk, a rodas de rima e capoeira. Manifestações, muitas vezes, imperceptíveis e marginalizadas aos olhos dos habitantes distraídos. O coletivo se coloca como espaço alternativo, que pretende divulgar e valorizar a produção de Arte gonçalense.

No contexto remoto, foi inevitável a perda do diálogo direto com a cidade e seus fluxos. Como já foi colocado, outras relações surgiram a partir dessa ausência, o que não supera os danos da interrupção e os traumas gerados em decorrência da pandemia. Contudo, a internet possibilitou o contato do Coletivo com outra camada de artistas gonçalenses, oferecendo espaço e incentivos para que os mesmos expusessem seus trabalhos e produzissem, em relação, não somente uns com os outros, mas com os demais artistas de outras regiões e com apoio da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Potencialidade que permanece, e oferece uma perspectiva otimista, para a continuidade dos projetos do grupo.

O processo de compartilhamento de experiências pode ser tomado como um processo de aprendizagem em um campo social, gerado pelos vínculos estabelecidos. Esses vínculos não são abstratos, teóricos, racionais, mas constituem-se na emergência daquilo que Maffesoli chamou de “neotribalismo” do mundo contemporâneo, assentado “na necessidade de solidariedade e proteção que caracteriza todos os grupos sociais” (MAFFESOLI, 2004, p. 23). Para esse autor, a tecnologia possibilitou o renascimento de um “mundo imaginal” no qual a imagem é elemento fundamental de um estar-junto. Nesse sentido, a Arte é componente importante em um “tripé constituído pela experiência, pelo coletivo e pela vivência, é justamente o que fundamenta a legitimidade de uma razão que entra em sinergia com o sensível” (MAFFESOLI, 2004, p. 44).

Imagem 4: Obra de Fabiana Lima. *Ultrapassando*.



Fonte: Acervo virtual no *Instagram* (@idvisualuerj).

Imagem 5: Bandeira dos Inconformados I.



Fonte: Acervo virtual no *Instagram* (@idvisualuerj).

Imagem 6: Ato dos movimentos sociais de mulheres, no centro do Rio de Janeiro, pelo 08 de março em defesa da UERJ.



Fonte: Acervo virtual no *Instagram* (@idvisualuerj).

Na mostra *Quarentena Online*, essa racionalidade do sensível a qual se refere Maffesoli, se expande em um tempo de "passados-presentes" que emerge, especialmente, em trabalhos que reconstituem nas suas imagens o binômio história/memória, como no ensaio fotográfico do professor Guilherme Nogueira (CAp/UERJ), no qual foram captadas imagens de resistência da comunidade Uerjiana nas manifestações de 2015. Luta e resistência são elementos encontrados também na obra *Bandeira dos Inconformados*, proposta pedagógica de Bruna Inácio em um trabalho colaborativo, traz diversas falas e inconformidades que refletem o cenário político pré-pandêmico. Já a pintura de Fabiana Lima, experimenta um gesto que irrompe na tela no próprio contexto da pandemia.

3 CORPO POLÍTICO: TERRITÓRIO E CORPOREIDADE LÍQUIDA

O corpo como território, o território como corpo, é interesse recorrente em todas as obras da exposição *Quarentena Online*. O artista paulistano, naturalizado em Sergipe - David Cayêras -, utilizando de colagens digitais, pensa o corpo, à sua própria imagem, em diálogo com um tempo ancestral, extrapolando os limites do real. A obra foi realizada desde sua concepção na atmosfera virtual.

De forma diferente, explorando um espaço híbrido entre as ruas da cidade e as imagens digitalizadas, o artista Higor de Alcântara utilizou de outra estratégia para trabalhar sua própria imagem e concretizar o virtual em territórios físicos. Trabalhando o seu auto retrato no *Photoshop*, Alcântara dilui sua imagem em reproduções que se modificam ao longo do passar dos dias.

Durante o processo de elaboração da série, o artista transportou uma matriz de stencil com sua imagem até uma manilha que servia de barricada para o tráfego, impedindo o fácil acesso da região, e grafou seu rosto como quem se apropria de um terreno. O que servia ao tráfego, agora também serve de suporte expositivo para uma intervenção artística nascida na virtualidade e materializada em Guaxindiba, interior de São Gonçalo, durante a pandemia.

A metáfora do corpo como campo de batalha, utilizada em um dos trabalhos da artista norte americana Bárbara Kruger³, parece ser um instrumento interessante para uma análise das obras e da complexa relação estabelecida entre os jovens artistas e o contexto político-social em tempos pandêmicos. O corpo é âmbito conflituoso, lugar de disputas e de pulsões biológicas, políticas e morais. É o lugar onde se travam todas as batalhas sociais e políticas.

Imagem 7: Obra de Higor Alcântara. *Segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado e domingo.*



Fonte: Acervo virtual no *Instagram* (@idvisualuerj).

As relações entre esse corpo/campo de batalha, e o contexto pandêmico, passam a ser pensadas coletivamente com a criação do projeto *Corpo Político*. As primeiras iniciativas foram reuniões pelo *Google Meet*, e um *drive* conjunto para compartilhar fotos e vídeos que serviram de base para elaboração de trabalhos. Inicialmente, algumas montagens foram produzidas sem tanta adesão dos participantes do Coletivo em sua totalidade. Foram enfrentadas algumas dificuldades em lidar com alguns recursos e com o manejo das tecnologias digitais.

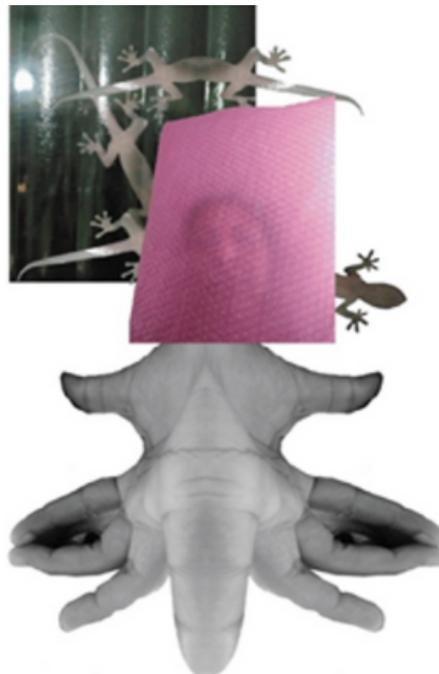
Contudo, a fala do domínio tecnológico não impediu que o grupo experimentasse as ferramentas disponíveis na criação de fotos, vídeos, textos e trocas de conhecimentos. A primeira obra produzida, a partir de um trabalho colaborativo, foi a vídeo-performance *Pele*, que mobilizou todo o grupo e foi apresentada durante o IV Encontro Regional da Federação dos Arte Educadores do Brasil – 2020. Posteriormente, as dificuldades tecnológicas começaram a ser trabalhadas com a abertura da oficina remota de estêncil ministrada pelo artista Higor Alcântara. Nessa oficina, os mais adaptados ao meio virtual ajudavam e ensinavam os que possuíam alguma dificuldade.

Em *Pele*, o corpo é componente central na luta pela afirmação da vida. A pele, esse tecido poroso, revela, e oculta, o fluxo ininterrupto da existência nos limiares da vida interior e exterior, nas esferas do visível e do invisível, do material e do imaterial. Nesse movimento incessante, o

corpo é um lugar de convergências e disputas. As lutas de classes, de gêneros e todas as batalhas sociais se desenvolvem neste âmbito. Na vídeo-performance apresentada pelo Coletivo, o corpo vasto quer projetar-se para além das suas fronteiras, matar o medo, morrer, nascer de novo. Nesta criação coletiva, o grupo se mobilizou para elaborar um texto de quatro autorias: Emily Costa, Maria Miranda, Rodrigo Claro e Rai do Vale, narrado pela voz do ator Ribamar Ribeiro, editado por Bruna Ignacio e Rai do Vale. Nasceu assim, no escuro, submergindo como envolto em placenta, com cores quentes em RGB, o corpo que dança ao vibrar do poema em cada *pixel*.

Assim como a água muda de estado, o corpo nas artes digitais pode ser liquefeito e solidificado, e vice-versa. O corpo físico, precisou se liquefazer para atender às demandas das expressões da Arte na pandemia.

Imagem 8: Obra de Claudia TS e David Cayêras. Sem título.



Fonte: Acervo virtual no *Instagram* (@idvisualuerj).

Imagem 9: Obra de Gabriela Couto e Fabiana Lima. *Pimenta caseira*.



Fonte: Acervo virtual no *Instagram* (@idvisualuerj).

A experimentação poética do Coletivo Identidade Visual, em tempos pandêmicos, pode ser pensada como um espaço de criação e de produção de trabalhos que tratam das dinâmicas de grupo e da solidão, de microuniversos presentes nos jardins das casas, nos canteiros de obras e nas relações rotineiras. O cotidiano é matéria de poesia, é o espaço em que os corpos se recriam nas tramas e urdiduras dos limiares da Arte.

Imagem 10: Vídeo performance. *Pele*.



Fonte: Acervo virtual no *YouTube* (Coletivo Identidade Visual).

4 WEBINÁRIO CORPO POLÍTICO

As atividades de extensão universitária constituem aportes decisivos à formação dos estudantes, especialmente pelo contato direto com as grandes questões contemporâneas que possibilitam. Nesse sentido, as ações do Coletivo Identidade Visual possibilitaram a incorporação de novas práticas, trocas de experiências e visão crítica acerca dos desafios enfrentados em tempos de exceção. Destacamos aqui as intensas discussões proporcionadas pelo Webinário Corpo Político – evento em nível nacional promovido pelo Coletivo em agosto de 2021. Participaram estudantes, professores universitários e o público em geral que estavam interessados no debate sobre os deveres do tema “corpo político” a partir de diferentes experiências, contribuições e perspectivas teóricas. O evento discutiu, no contexto contemporâneo, as potências políticas do corpo, bem como as possibilidades do corpo como campo de batalha social na geração de novos saberes, e na ressignificação de comportamentos. Integraram a programação desse encontro três mesas-redondas. A primeira, O corpo como território do político, abriu o webinário debatendo sobre as possibilidades do corpo como campo de batalha social: os sentidos do político na relação entre corpo e território, tanto no sentido do corpo como território quanto do território como corpo. Na segunda mesa, As reexistências do corpo no campo da arte, propôs-se pensar os corpos contranormativos e insubordinados na ocupação dos territórios da arte, na geração de novos saberes, na ressignificação de comportamentos e nas suas relações com as potências políticas do corpo. A terceira mesa, Os processos performativos do corpo, fechou o terceiro dia do webinário discutindo o conceito de performatividade, no que diz respeito ao corpo, à linguagem e aos aspectos políticos das experimentações artísticas e culturais.

Os palestrantes – artistas, pesquisadores e professores de programas de pós-graduação

(Universidade Regional de Sergipe; Universidade Estadual Paulista; Faculdade de Formação de Professores – UERJ; Universidade Regional de Blumenau) –, a partir de aportes teóricos diferenciados, ressaltaram a importância do tema e sua atualidade, sobretudo para se pensar o atual contexto sócio cultural e político brasileiro e as recentes barbáries cometidas contra corpos negros assassinados por instituições policiais, contra indígenas e mulheres que sofreram feminicídio. Em todas as falas, foi ressaltada a necessidade de se buscar formas de reexistir a essa tragédia, sem perder de vista o imprescindível exercício de liberdade necessário à ocupação dos espaços da Cultura, da Educação, da Arte e do pensamento crítico. Nesse sentido, a Arte foi apontada como campo importante enquanto experiência de resistência, como uma dobra da existência. Essa reexistência é o que mobiliza os corpos retomando a subjetividade como criação.

Os estudantes participaram da organização e da mediação das mesas, inclusive, indicando nomes de convidados. Foram muitos os encontros em que se discutiu a concepção deste evento, em grupos de estudos e em rodas de conversa. Os ótimos resultados, geraram o interesse nos componentes do grupo em desenvolver, nos seus trabalhos de conclusão de curso, análises e relatos sobre a atuação do coletivo na discussão do tema apresentado neste webinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações do *Coletivo Identidade Visual*, possibilitaram uma discussão pertinente e desafiadora sobre a importância das artes e das expressões culturais, em um momento pandêmico, focalizando as territorialidades urbanas numa dimensão na qual já não é mais possível separar arte, espaço urbano e vida. O impacto gerado pelas atividades, que possibilitaram essa discussão, foi o de instigar no público *online* o interesse por uma trama de conhecimentos tecida a partir da experimentação das linguagens artísticas e de uma abordagem crítica, em torno das relações estabelecidas entre a Educação, as artes, as culturas e o meio urbano. A importância da experimentação poética, das linguagens contemporâneas da Arte e das apropriações dos símbolos da cultura urbana; e das suas territorialidades, em um fazer colaborativo, é a de incorporar nas suas criações o exercício de liberdade imprescindível, às reexistências da vida, especialmente em tempos de exceção. Em fotomontagens, nos vídeos e em outras criações do grupo, o corpo, em um contexto político, foi pensado como um campo de batalha. A questão central era: quais são as nossas trincheiras nesse campo, na luta pela afirmação da vida? A mobilização dos estudantes e dos artistas integrantes do Coletivo, em torno do interesse despertado por essa questão, só corrobora a importância de se ressignificar o sentido das ações extensionistas para a ampliação da experiência discente, nas articulações entre o universo acadêmico e a sociedade.

REFERÊNCIAS

DHI BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica**. In: Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

GUASCH. A. M. **Estudios visuales**: un estado de la cuestión. Estudios Visuales, n. 1, nov. 2003, p. 8-16.

MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Atlântida Editora, 2004.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. **Ecosistema Artístico em Ensino/aprendizagem de Artes Digitais**, pág 865. Anais 29º Congresso Nacional da Federação de Arte/Educação do Brasil. (2019: Manaus, AM). Disponível em: <www.faeb.com.br/anais-confaeb/ISSN:2525-880X>.